

**DA ESTRADA DE TERRA AO ASFALTO: SUJEITOS NO PROCESSO DE  
URBANIZAÇÃO EM UM BAIRRO DE FLORIANÓPOLIS (1970-2012)**

Jaqueline Henrique Cardoso

Mestre pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Bolsista CAPES

**Resumo:**

As transformações estabelecidas em Florianópolis (SC) a partir das últimas décadas do século XX - decorrentes dos processos de urbanização e turistificação - não ocorreram de forma simultânea em toda a cidade, assim como a percepção de seus moradores sobre estas também são destoantes e envoltas em disputas e tensões. Os bairros localizados no chamado “interior da ilha” foram os que mais sentiram tais mudanças, dada sua condição de ruralidade até meados de 1970. Nesse sentido, esse artigo pretende – através do método da história oral - compreender como esses processos foram percebidos por alguns moradores<sup>1</sup> do bairro Santo Antônio de Lisboa – localizado ao norte da ilha de Santa Catarina – antes majoritariamente formado por uma população autóctone e hoje rodeado por moradores oriundos dos mais diferentes lugares do Brasil e do mundo.

Palavras-chave: Florianópolis; Urbanização; Turistificação; Santo Antônio de Lisboa; História oral.

**Abstract:**

The urban changes in Florianópolis (SC) during the late 20th century, due to touristification, did not occurred simultaneously in the entire city, neither the perception of the dwellers about the disputes an tensions was homogeneous. The neighborhoods of the called “interior da ilha”, were the ones that suffered most those changes due to their condition of rural area until the 70’s. In this sense, using oral history, this essay intent to comprehend how those process were perceived by some Santo Antonio de Lisboa’s dwellers (in the north of the island). That neighborhood was chosen due to its changes during the last decades from a autochthonous population to a multicultural urban area.

Keywords: Florianópolis; Urbanization; Touristification; Santo Antônio de Lisboa; Oral history.

Dotar uma cidade de equipamentos urbanos e infraestrutura – como água, luz, esgoto, transporte, saúde e educação – são elementos essenciais no que tange um processo de urbanização, que supostamente deveriam contribuir para a qualidade de vida das populações envolvidas. No entanto, o que se constata, é que em geral, estes processos estão envoltos em disputas e tensões – por vezes silenciadas – entre os agentes envolvidos, que tendem a privilegiar o interesse de alguns em detrimento de outros, portanto, nem sempre trazendo os benefícios ansiados.

Autores que se debruçaram nos estudos sobre as transformações urbanas de Florianópolis, a partir da segunda metade do século XX, são enfáticos e unânimes ao afirmar que estes processos são indissociáveis das questões políticas que permeavam a cidade naquele momento e que influenciaram diretamente nos rumos da urbe – considerada, por alguns governantes locais, como provinciana e atrasada frente a outras capitais.<sup>2</sup>

De acordo com o historiador Reinaldo Lindolfo Lohn, a noção de desenvolvimento almejado para Florianópolis – construída entre as décadas de 1950 e 1960 - está amplamente associada aos interesses dos grupos políticos locais, que por controlar as intervenções urbanas, “impôs o desenvolvimento turístico como o único caminho para o futuro”<sup>3</sup>. Esse modelo de expansão urbano-turística – ancorada na especulação imobiliária – privilegiava uma classe média que visava individualizar-se, e marca “o surgimento de uma cidade diferente, com uma vida sazonal e idiomas e sotaques estranhos”<sup>4</sup>. Nesse sentido, essas ações foram determinantes na construção imagética de uma cidade “vacionada” para o turismo, firmada principalmente após a década de 1970.

Os dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre as décadas de 1970 e 1990 contribuem para visualizarmos o crescimento populacional e a naturalidade dos moradores que vieram em maior quantidade para a cidade no período referenciado – quando essa passa por grandes mudanças. Embora estes dados não sejam uniformizados, devido à limitação dos itens inclusos para a coleta nesses recenseamentos - o que de fato dificulta nossa análise e diminui sua consistência e credibilidade - eles elucidam estatisticamente as transformações da urbe no período que ela recebe um grande número de migrantes, se constituindo como importante material de análise.

<b>População de Florianópolis – Naturalidade</b>			
<b>Procedência</b>	<b>Décadas</b>		
	1970	1980	1991
SC	132.114*	167.227**	213.721***
RS	1.928	6.578	16.820
PR	1.110	3.504	7.791
SP	606	2.502	5.784
RJ	1.034	2.885	4.077
Outras UF	876	4110	4.995
Estrangeiros	327	826	1.541
Naturalizados	151	248	559
<b>TOTAL</b>	138.146	187.880	255.388

Fonte: IBGE – Censo Populacional - 1970/1980/1991.

Disponível em: [www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br). Acesso em: 20/11/2012.

\* Não há especificado nesse recenseamento a naturalidade dos habitantes do estado catarinense.

\*\* Florianopolitanos: 119.444. Naturais de outras cidades do estado de Santa Catarina: 47.783.

\*\*\* Florianopolitanos: 114.289. Naturais de outras cidades do estado de Santa Catarina: 99.432.

Como é possível perceber, a população advinda dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, dobra ou triplica de uma década a outra, o que, no entanto, não nos permite afirmar que as motivações para tal deslocamento sejam as mesmas, dada a falta de dados concretos e detalhados sobre a migração nessas décadas. No entanto, esses dados deixam rastros que nos permite – aliados ao conhecimento adquirido através de outras fontes – trilhar alguns caminhos. De forma geral – se desconsiderarmos o deslocamento entre os municípios catarinenses – o maior número de migrantes advém dos estados do Paraná e Rio Grande do Sul, que por estar em condição fronteiriça com Santa Catarina, mostra-se como um facilitador para a migração. O desejo de buscar qualidade de vida, sem, no entanto, se afastar completamente dos benefícios da vida urbana ou se aproximar do mundo caótico dos grandes centros urbanos – como São Paulo e Rio de Janeiro<sup>5</sup> - também indica uma possibilidade motivacional para a vinda de pessoas desses dois estados.

Nesse sentido, a instalação de instituições de ensino superior na cidade (Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade do Estado de Santa Catarina) a partir do final dos anos 1960 e de empresas de grande porte prestadoras de serviço de água (CE-

LESC), luz (ELETROSUL) e telefone (TELESC), contribuiu no aumento desse fluxo migratório e na afirmação de Florianópolis como um lugar que estava aberto e preparado para o cosmopolitismo, assim como para cumprir sua “vocação” turística. Levando em considera o essas transforma es, constata-se que entre esses novos habitantes - incluindo os naturais do próprio estado catarinense - encontrava-se uma classe média universitária - profissionais qualificados, estudantes, artistas - assim como pessoas com pouco estudo e menores condi es econ micas, que migravam em busca de melhores oportunidades de emprego ou mesmo do ensino superior gratuito.

O bairro Santo Antônio de Lisboa – localizado ao norte da ilha de Santa Catarina – foi um dos primeiros núcleos a surgir na cidade, tendo sido colonizado inicialmente por portugueses no século XVII e densamente povoado no século seguinte por imigrantes açorianos, mistura que resultou num conjunto arquitetônico representativo, com características luso-açorianas. Este foi um dos locais que os recém-chegados a cidade buscaram para fixar residência, principalmente a partir dos anos 1980, dada sua paisagem tranquila, sua riqueza patrimonial e sua proximidade com o centro da cidade. O arquiteto Roberto Toneria descreveu esses novos moradores na década de 1980 (período que concluiu sua pesquisa sobre Santo Antônio) como sendo pertencentes a uma “classe média estritamente urbana, mas romanticamente bucólica”<sup>6</sup>, que visava o distanciamento da agita o dos grandes centros, sem, contudo, se afastar completamente dos benefícios das áreas mais urbanizadas.

Apesar de o bairro estar situado a apenas 13 km do centro de Florianópolis, a condi o de ruralidade, aliada a falta de água, luz, telefone, juntamente com a dificuldade de deslocamento por terra até a década de 1970, rendeu aos habitantes do local um modo de vida bastante peculiar em rela o aos moradores do centro da cidade que tinham acesso a serviços e informa es pouco difundidas entre as localidades mais afastadas. Dada   relativa independência de Santo Antônio - que vivia principalmente da pesca e da agricultura de subsistência - e do limitado serviço de transporte coletivo, o deslocamento para o centro da cidade não era tão frequente e a porcentagem de moradores “nativos”<sup>7</sup> estabelecidos no lugar – principalmente no meio rural - era significativa, fato este explicitado pelo morador Claudio Agenor de Andrade<sup>8</sup>.

Eu peguei Santo Antônio de pescadores, de agricultores, mais de 90% das pessoas da comunidade morando aqui, então eu tenho muito forte ainda essa lembrança. As pessoas viviam de forma muito simples, aquele que não era

funcionário público, ele era pescador ou agricultor, então as pessoas plantavam café, todo tipo de agricultura de subsistência e viviam de forma muito simples, as mulheres faziam renda também, então o dinheiro praticamente não existia, mas por outro lado existia a fartura do alimento<sup>9</sup>.

Apesar de o relato ser de um morador relativamente jovem, sua fala nos mostra que este associa o modo de vida antigo com a simplicidade e a fartura alimentícia, sendo que as transformações urbanas revelaram padrões e hábitos diferentes dos quais os moradores estavam familiarizados até então. O depoimento do entrevistado também indica que houve uma mudança nos sujeitos que passam a habitar o bairro, antes majoritariamente composto por “nativos”.

Analisando os dados de recenseamento do Distrito<sup>10</sup> de Santo Antônio de Lisboa, entre as décadas de 1960 a 1980, é possível perceber a presença significativa de habitantes na área rural, o que reforça a condição de ruralidade mencionada no decorrer das entrevistas. Na tabela abaixo podemos acompanhar esse dados durante as três décadas citadas.

<b>Dados Censitários do Distrito de Santo Antônio de Lisboa</b>			
<b>Década</b>	<b>1960</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>
População Rural	1934	3145	6677
População Urbana	519	425	617
Total	2453	3670	7294

Fonte: IBGE – Censos de 1960/1970/1980.

Disponível em: [www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br). Acesso em: 20/11/2012.

Os dados apresentados nos mostram que além de o distrito contar com uma população majoritariamente rural, houve um crescimento populacional significativo, principalmente entre as décadas de 1970 e 1980, quando o local passa a receber melhorias estruturais e de acesso. A melhoria de serviços, antes precários ou inexistentes, pode ser colocada como a mola propulsora das transformações que passaram a atrair novos moradores ao local, assim como posteriormente para uma população flutuante de turistas.

As percepções dos “nativos” do bairro sobre o processo de urbanização são destoantes e envoltas em conflitos e tensões, pois como ressalta a autora Mara Lago, “cada

um vivencia e representa o mundo externo a sua maneira, subjetivamente”<sup>11</sup>. No entanto, o descontentamento com a violência, com o uso de drogas e com a extinção da vida comunitária - antes parte do cotidiano - são quase unanimidade entre os habitantes do local.

Para o morador Mauro Sartorato<sup>12</sup> - nascido e criado em Santo Antônio - a forma que estes processos se desenvolveram na cidade é vista como fruto de interesses políticos, como pode ser observado a seguir.

Essa gente que vem administrando essa ilha, eles deveriam ter vergonha do que fizeram nessa cidade, por permitir esse tipo de urbanização. A lagoa, quem matou ela, não foi o povo da lagoa (Bairro Lagoa da Conceição), se fosse só o povo da lagoa que tivesse morando lá, ela não tinha se acabado, há um processo desorganizado de urbanização, de tomada de espaços. Ai você vai ver lá em volta da lagoa, quantos nasceram lá, ou se a maioria não é do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, da Europa ou de qualquer outro país de outro continente. [...]. Então essa não é uma crítica só para Santo Antônio, é aos governantes que tem essa responsabilidade e esses anos todos não fizeram nada por Santo Antônio, o que eles fizeram foi abrir espaços, avenidas e ruas, para eles poder tomar os espaços em torno da ilha, foi isso que eles fizeram, por isso fizeram as ruas, senão, nem tinham feito às ruas (riso). [...] urbanizar é importantíssimo, tem que aprender como usar os espaços, para não chegar abrindo, como estão fazendo com Cacupé (Bairro Cacupé), que estão acabando com tudo<sup>13</sup>.

Na percepção do entrevistado, o maior problema não está na urbanização propriamente dita - já que ele considera este um processo importante – mas sim no modo que esta vem se desenvolvendo na cidade, ancorada principalmente na especulação imobiliária. O exemplo do bairro Cacupé, localizado no distrito de Santo Antônio de Lisboa, é bastante significativo nesse sentido, pois atualmente o mesmo possui uma grande quantidade de loteamentos de alto padrão, destoando da paisagem bucólica que o distrito como um todo possuía até o início dos anos 1980.

Santo Antônio, que antes possuía a vida moldada pela singeleza, agora divide espaço com grandes mansões, loteamentos de luxo e restaurantes com preços pouco acessíveis para os habitantes com menor poder aquisitivo. Mesmo tendo uma verticalização controlada – se comparada a outros lugares da cidade – dada às restrições para a cons-

trução em área de preservação, o local vislumbra a pelo menos três décadas os reflexos da urbanização pouco planejada e da exploração do turismo a qualquer preço.

Cacupé também é descrito pelo entrevistado, Timóteo Ferreira Filho<sup>14</sup>, como um local praticamente sem “nativos”, que ao venderem suas terras por preços irrisórios, para quem comprava e significativos para quem vendia, passaram a residir em áreas periféricas da cidade.

Essa mudança eu te digo o seguinte, o cara veio de fora, via que o cara (“nativo”) tinha um terreno grande oferecia mil reais, o cara nunca tinha visto mil reais, aceitava e colocava na poupança. Ai nos primeiros meses ele vivia bem, depois tirou da poupança e ficou sem nada. Tem uma porção de família que queria voltar, que foi morar no morro, lá para a Costeira, Saco dos Limões, mas não tem mais condições de voltar para cá. Cacupé [...] não tem hoje mais de cinco famílias nativas, agora é tudo gente de fora. [...] tinha engenho de farinha, uns quatro ou cinco, e tudo pescador, hoje esse pessoal vendeu e foi embora<sup>15</sup>.

A questão da venda da terra pelo “nativo” – seja por ingenuidade ou necessidade - não se restringe ao bairro Cacupé e seus moradores, sendo que em Santo Antônio também fica evidente na fala de alguns entrevistados, que quem vendeu suas propriedades e depois se arrependeu, não conseguiu mais voltar devido à valorização da terra.

Hoje em dia aqui em Santo Antônio se você sair, para voltar para o local, não volta mais, pode voltar para passear, mas para ficar não fica mais, porque o terreno pegou uma barbaridade de valor, nesses anos que eu moro aqui, eu deixei de comprar terrenos por quase nada, hoje você não queira saber<sup>16</sup>.

O pessoal de origem mesmo, uma parte saiu, até para o continente, acabou vendendo suas áreas de marinha, como aconteceu com várias pessoas aqui que foram morar em outro lado, depois não consegue mais voltar, não consegue mais comprar<sup>17</sup>.

A especulação imobiliária, que de certa forma tem atingido todas as regiões da cidade, em maiores ou menores proporções, é tida pelos moradores como um dos vilões responsáveis pelo afastamento dos “nativos” de seus locais de origem, dando lugar a pessoas com melhores condições financeiras, mas que por outro lado, não possuem inicialmente uma ligação afetiva e identitária com o lugar.

Tonera ressaltou em seu estudo sobre Santo Antônio que na década de 1980 o turismo ainda caminhava a passos curtos na localidade, sendo a especulação imobiliária sua maior preocupação, haja vista a pouca conscientização que ele atribuía aos moradores sobre seus próprios valores e o processo de descaracterização dos atributos físicos e culturais já vivenciados em outras áreas da cidade. Para o autor, faltava a ciência dos moradores sobre seus próprios valores, sendo que a “influência dos meios de comunicação (porta-vozes do interesse dominante), propagadores de uma ideologia consumista e de supervalorização do novo, em detrimento do antigo”<sup>18</sup>, ganhava força e espaço entre os locais.

Precisamos ponderar essa suposta falta de consciência do habitante local mencionada por Tonera, dada à precariedade das informações que chegavam aos habitantes das localidades mais afastadas da ilha, que viviam semiisoladas devido as esparsas linhas de transporte coletivo – inauguradas em 1945 - e da ausência de escolas de ensino médio (antes ginásio) no bairro. O entrevistado Mauro Sartorato acredita que essa falta de “consciência” dos moradores de Santo Antônio é na realidade reflexo de uma política que durante década restringiu o acesso ao conhecimento para os moradores de Florianópolis, “deixando a informação só para poucos no centro da cidade”<sup>19</sup>.

De fato, uma boa parte da descaracterização de Santo Antônio está ligada ao próprio morador local, seja através da derrubada do casario por parte de uns ou do silenciamento por parte de outros. No entanto, Mauro Sartorato enfatiza em sua fala que não há como responsabilizar os “nativos” por isso, tendo em vista a dificuldade de adquirir conhecimento sem se deslocar do bairro<sup>20</sup>, sendo que esse sentido de preservação era praticamente ignorado por eles, que acabaram sendo influenciados pelo espírito modernizador que chegava na cidade.

Para o morador Claudio Agenor de Andrade, o que mais foi marcante nesse processo de transformações foi à demolição das casas e a apropriação, muitas vezes ilegal, das regiões ribeirinhas para dar espaço aos anseios da construção civil e desse novo jeito, urbanizado e individualizado.

Antigamente as pessoas tinham um móvel, passava de pai para filho né, [...] elas tinham um outro ritmo, não esse consumismo louco que hoje as pessoas compram e jogam fora amanhã. Essa explosão do crescimento de Florianópolis, principalmente do interior da ilha, o ponto alto dele mesmo foi nos anos 80, dos anos 80 para cá foi uma loucura. Até os anos 70 ele ainda conservava essa paisagem mais bucólica da ilha, [...] isso hoje não existe mais, existe é

uma decadência total dos valores culturais, apenas um único objetivo que é construir para ganhar dinheiro, nada contra em ganhar dinheiro, mas respeitar coisas fundamentais como os rios, as praias. Hoje as pessoas estão até construindo prédios [...] dentro do mangue, então é assim que eles fazem, realmente estão afundando essa ilha<sup>21</sup>.

A psicóloga Daniela Ribeiro Scheiner<sup>22</sup>, moradora de Santo Antônio a 15 anos, referencia que este, de fato, tem perdido um pouco de suas características ligada aos imigrantes luso-açorianos e ao modo de vida rural, devido a elitização do local e a profissionalização do turismo gastronômico. No entanto, ela acredita que “por enquanto, isso tem sido positivo, tem feito o bairro crescer, ser conhecido e sem a coisa muito agressiva de como já tem acontecido em bairros vizinhos nossos”, sendo lugar ainda busca resistir a especulação imobiliária, afim de “manter um pouco de suas raízes”<sup>23</sup>.

Os moradores passam a se organizar enquanto grupo ainda na década de 1980, mais especificamente em 1987 com a criação da Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa (AMSAL), que tem sido um canal importante de diálogo entre os moradores visando resistir ao crescimento desordenado e a perda na qualidade de vida. Uma das primeiras ações de resistência da AMSAL se deu em contrariedade a ideia de implantação no distrito de uma usina de lixo, que segundo o prefeito da época (Edson Andrino) seria como um cartão postal da cidade, justificativa esta que não convenceu seus moradores, que se organizaram e impediram a construção da “usina de reciclagem”, como mostra o relato do artista plástico João Otávio Neves Filho<sup>24</sup>, popularmente conhecido como Janga.

[...] a comunidade ficou em pé de guerra, com arma e tudo, nós fizemos acampamento com armas, com facão. Saía tudo da casa açoriana, nós conseguimos fazer uma mobilização, uma passeata com milhares de pessoas, carros de boi, tem um que era dono da funerária e deu uma centena de panos pretos e nós fizemos umas togas, tudo preta, era um negócio impressionante, fechamos o trânsito na rodovia SC 401 em pleno verão, deu um engarrafamento que foi até a ponte Colombo Salles<sup>25</sup>.

De acordo com Janga, a abertura do seu Ateliê – Casa Açoriana Artes e Tramóias Ilhoas – contribuiu para dar visibilidade ao bairro e a seus artesãos na mídia, assim como para a organização dos moradores do local, que segundo ele, até meados de 1980

pouco se davam conta de seus valores e não sabiam como usá-los em seu benefício. Ao longo dos anos 1980 a Casa Açoriana foi palco de oficinas, palestras, semanas culturais, reuniões da associação de moradores, assim como foi o local onde se idealizou o grupo Mão de Pilão, inspirador de outros grupos de boi de mamão até hoje atuantes no distrito. O artista plástico acredita que o trabalho desenvolvido com os moradores junto a Casa Açoriana foi “didático” e “civilizatório”, um processo de mudança gradual, que posteriormente lhe rendeu muitos conflitos com os “nativos”, mas que ao mesmo tempo levou muita informação para estes<sup>26</sup>.

[...] na verdade, a gente queria proporcionar a eles, um local onde pudessem refletir sobre eles mesmos, sobre sua própria cultura. [...] Foi feito um trabalho sim, junto à comunidade, um trabalho de décadas e eles foram se dando conta da importância, principalmente quando começou a sair na mídia [...] ai hoje eles tem orgulho. Eu me sinto realizado<sup>27</sup>.

Devido às atividades desenvolvidas no ateliê nesse período – aliada ao ambiente tranquilo e belo de Santo Antônio - o bairro tornou-se uma espécie de reduto de alguns artistas, inaugurando uma movimentação cultural que contribuiu para o aumento do fluxo de visitantes e para o desenvolvimento de uma atividade econômica para seus moradores, assim como para a organização dos mesmos.

Janga fixou residência em Santo Antônio em 1976, período que segundo ele, o local se encontrava em situação de abandono e decadência, dada as dificuldades econômicas resultantes do enfraquecimento da atividade agrícola na primeira metade do século XX, e que se acentuou após o fim das atividades do porto do distrito na década de 1960.

[...] quando eu cheguei aqui, era uma decadência total, [...], as pessoas trabalhavam no centro, isso daqui era um lugar abandonado, e ai Santo Antônio descobriu uma nova vocação, que foi a vocação turística, turística-cultural, o turismo aliado com a cultura, sempre<sup>28</sup>.

A suposta “vocação” descrita por Janga foi se construindo historicamente - como já referenciada no trabalho de Lohn<sup>29</sup> – e resulta dos interesses políticos do momento, que no caso era a expansão do aglomerado urbano para os locais pouco explorados da ilha através do turismo. Esse interesse expansionista é explicitado no próprio plano diretor dos balneários criado em 1985 – do qual o distrito de Santo Antônio de Lisboa faz

parte – sendo este declarado como área especial de interesse turístico. Nesse sentido, o desenvolvimento urbano do bairro se desenvolve concomitantemente ao da atividade turística.

Mesmo dispondo de uma estrutura turística precária, os veranistas começam a se interessar por Santo Antônio na década de 1980, inicialmente com a predominância dos turistas Argentinos. Janga narra que ao abrir a Casa Açoriana os moradores do bairro estranharam a movimentação de carros pelas ruas estreitas, e comparavam o acontecimento como algo semelhante à Festa do Divino.

No primeiro ano que eu abri (a Casa Açoriana), veio à ideia de mostrar os trabalhos daqui (artesãos locais). Ai foi muito curioso, começou a parar carros aqui na frente, na época eram os Argentinos, em 1985, [...] ai eles (moradores) diziam assim “o lhó lhó, parece a festa do divino”, cinco carros parados ali na frente (riso), hoje param mais de mil<sup>30</sup>.

Essa assertiva indica que os moradores não estavam habituados a receber tantos visitantes fora do período festivo em homenagem ao Divino Espirito Santo - que em geral era prestigiado apenas pelos moradores do próprio distrito no período da quaresma – já que o bairro era conhecido como local de passagem para aqueles que buscavam a praia do Sambaqui, por esta ser bastante arborizada. A fala de Janga, também indica que inicialmente este priorizou a exposição dos trabalhos dos artesãos da localidade, buscando valorizar o que para ele era digno de ser lembrado e divulgado, mas permanecia no silêncio de seus interlocutores.

Como consta no relato de alguns entrevistados, na década de 1980 o bairro ainda não dispunha de opções alimentícias para os turistas que aos poucos iam chegando, sendo este um processo que foi se desenrolando posteriormente e se fortaleceu com a criação de ostras em cativeiro nos anos 1990, tornando-se uma importante rota gastronômica da cidade. A iniciativa do cultivo das ostras partiu de um professor da UFSC, especialista em Maricultura, Carlos Rogério Poli, e inicialmente foi vista com um pouco de descrédito pelos pescadores, como mostra o relato de Janga.

Eu lembro os pescadores, muito céticos, tinha um pescador, hoje já idoso dizendo “é mais fácil crescer cabelo na palma da minha mão que criar marisco nessas coisas ai” e hoje tu ve né... Ai em cima da maricultura começou essa história de vender a ostra e foi se formatando essa história da gastronomia<sup>31</sup>.

Nesse sentido, a gastronomia constituiu-se como uma importante atividade econômica para alguns moradores do bairro, seja no próprio cultivo da ostra, nos restaurantes, ou mesmo investindo em outras atividades que atraíam aqueles que vinham desfrutar dos estabelecimentos alimentícios da zona gastronômica do distrito – composta pelos bairros Cacupé, Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa.

A gastronomia oferece a alguns moradores de Santo Antônio a possibilidade de adquirir seu sustento no local que residem, sendo em geral considerada positiva, principalmente para aqueles que possuem estabelecimento comercial ou de alguma forma se beneficiam com essa atividade. O bairro possui uma área de preservação cultural - criada em 1985 no plano diretor dos balneários da cidade e visa a salvaguarda do conjunto arquitetônico - sendo composta por quatro quadras, onde se concentram o maior número de restaurantes e comércios, voltados principalmente ao turista, tendo em vista os altos valores cobrados dos consumidores, principalmente durante a alta temporada.

Apesar de Santo Antônio possuir águas calmas e relativamente quentes, o balneário raramente recebe banhistas, devido sua condição de mar fechado, o que torna seu solo um tanto argiloso. Levando em consideração essa característica, calculamos porquê o bairro não estava entre as primeiras áreas priorizadas para a expansão turística no norte da ilha, já que inicialmente o interesse no turismo de sol e mar era quase uma exclusividade. Nesse sentido, os turistas atraídos para o bairro a partir da década de 1980 têm seus interesses voltados principalmente aos aspectos paisagísticos, gastronômicos e histórico-culturais.

De acordo com alguns entrevistados, a substituição do modo de vida rural para o urbano aconteceu de forma progressiva. Na narrativa do morador Fausto Agenor de Andrade<sup>32</sup> é possível visualizar essa questão.

Ontem a gente plantava mandioca aqui na beira da estrada, hoje tem um prédio de três pavimentos, ontem a gente fazia farinha e passava com carro de boi, hoje tem uma estrada calçada, então quer dizer, foi tudo muito rápido, não deu tempo de acompanhar, a gente vai dormir com estrada de terra e amanhece com asfalto<sup>33</sup>.

Esse relato nós dá a dimensão de como este processo é compreendido pelo entrevistado e o quanto as transformações da cidade modificaram o bairro e o modo de viver

dos “nativos” ao longo das últimas décadas do século XX. Sua fala também demonstra que por conta da urbanização, os moradores locais tiveram que se adaptar a nova condição que estavam vivendo e por isso foram deixando de lado alguns hábitos e costumes que eram repassados de geração para geração.

Uma das atividades que foi praticamente abandonada foi à plantação de mandioca para a fabricação de farinha. A família Andrade, proprietária do conjunto rural chamado “Casarão e Engenho dos Andrade”, tinha na produção de farinha um dos meios de sustento, tanto para consumo próprio, como para venda ou troca. O engenho, que hoje perdeu essa função de subsistência, atua disponibilizando o espaço para ação educativa com escolas, assim como está preparado para receber turistas, que segundo Claudio Agenor de Andrade é “um número insignificante, proporcional ao que visita Florianópolis na alta temporada”<sup>34</sup>. Esse fato pode ser justificado, tendo em vista o perfil de turista que a cidade recebe, sendo que, o “turismo cultural” vem ganhando espaço apenas nas últimas décadas e de forma muito tímida, se comparada ao turismo de sol e mar.

De acordo com Timóteo Ferreira Filho, o cultivo de roças,

[...] é uma tradição que daqui uns anos, como está indo, vai se acabar aqui na ilha, porque o cara não pode plantar mais nada, não pode criar uma galinha que os vizinhos ficam reclamando que o galo canta de madrugada e acorda. Antigamente todo mundo criava né, hoje está difícil e cada vez vai ser pior [...] hoje o cara não tem lugar para criar um boi, a roça era no morro, não pode mais atravessar o asfalto com carro de boi, está se acabando por causa disso aí<sup>35</sup>.

A possível extinção do modo de vida rural devido à expansão urbana é percebida por Seu Timóteo como algo relativamente negativo, sendo que o contato com os animais e a roça mostra-se como uma vivência cada dia mais distante da realidade atual do bairro. Para manter a tradição do cultivo da roça, o entrevistado faz sua plantação de mandioca em um terreno cedido – por uma pessoa que não reside no local - em troca de farinha, já que segundo ele hoje os terrenos com grandes extensões não estão mais nas mãos de “nativos”.

O enfraquecimento das atividades agrícolas no bairro vem de encontro ao processo de urbanização almejado para a cidade de Florianópolis ainda na primeira metade do século XX, sendo que a medida que a agricultura ia sendo parcialmente abandonada, seus dependentes precisavam arrumar outras formas de subsistência. Nesse sentido, o

arquiteto Roberto Toneria menciona que “a metropolização de Florianópolis atraiu a população ativa para fora do distrito [de Santo Antônio], na busca de melhores oportunidades [...], seja no funcionalismo público ou na variedade de sub-empregos oferecidos pela capital em expansão”<sup>36</sup>.

Alguns moradores<sup>37</sup> relataram que também era comum os homens se deslocarem para fora do estado de Santa Catarina em determinados períodos devido a possibilidade de empregos temporários em cidades portuárias – geralmente em Rio Grande (RS) ou Santos (SP) – já que segundo Seu Timóteo, a mandioca para fazer uma boa farinha levava em média dois anos para crescer e era necessário arrumar uma ocupação para complementar a renda. Em geral os homens casados davam preferência para a cidade de Rio Grande, onde permaneciam um tempo mais curto, e os solteiros para Santos, de onde voltavam, por vezes, com hábitos diferentes, que causavam estranhamento nos moradores locais, como relata Edinaldo Lisboa da Cunha<sup>38</sup>.

Para ti ter uma ideia, na época que não tinha nenhuma atividade econômica na ilha capaz de sustentar as pessoas aqui, quem não ia para Rio Grande pescar, ia para Santos trabalhar de entregador de pão, de padeiro, de garçom ou de qualquer coisa. Bastava o cara ficar três meses em Santos que ele voltava com uma calça de linho comprado no mercado falando paulista, manezinho tentando falar paulista e se embasbacando todo, chegava a dar dentada na língua, não sabiam<sup>39</sup>.

O morador mais antigo do bairro, Seu Antônio Gonçalves Mauricio<sup>40</sup>, de 89 anos, foi um desses homens que foi adquirir o sustento da família através “do negócio da pesca” no estado vizinho, deixando a esposa Judite, juntamente com os 10 filhos do casal, a sua espera. O mesmo morador relata que ao conseguir emprego em Florianópolis, enfrentou dificuldades para se deslocar ao centro da cidade, percurso que fazia diariamente de bicicleta para ir trabalhar no hospital Nereu Ramos.

Eu trabalhei no (hospital) Nereu Ramos 35 anos, eu saía daqui de Santo Antônio para lá, subindo isso ai, [...] você conversa com qualquer um ai de Santo Antônio, quantos anos mais ou menos o seu Antônio andou de bicicleta, e não tinha luz elétrica, nunca faltei um dia, pode procurar na minha ficha no Nereu Ramos. O que a gente já passou e está passando e está vendo. O povo hoje reclama, cá para nós, alguns, de barriga cheia<sup>41</sup>.

A experiência de Seu Antônio, tanto relacionada à pesca em Rio Grande, quanto a sua ida diária ao Hospital Nereu Ramos durante três décadas, exemplifica o esforço, em terra e mar, que parte dos habitantes faziam para conseguir seu sustento fora do bairro. Interessante perceber, que a entrevista com o morador mais antigo do local, não é marcada por um discurso de exaltação dos tempos passados, o que o difere de alguns entrevistados mais jovens, que têm sua fala desenvolvida em torno de um sentimento saudosista, e por vezes, moldada em um posicionamento de julgamento. Abaixo podemos observar dois relatos onde essas questões se mostraram mais evidentes.

Eu acho que Santo Antônio antigamente era melhor, o pessoal era todo conhecido, antigamente não tinha droga, qualquer hora da noite o cara podia andar por ai tranquilo, era tudo família conhecida, [...] hoje em dia tu nem sabe quem é o dono da casa (do vizinho), porque a maioria é tudo gente de fora. Mudou muito, mas eu acho que é na ilha em geral, está todo mundo reclamando, os pescadores, tenho muito amigo lá em ponta das canas, não estão gostando, porque cresceu muito em pouco tempo e Florianópolis não teve estrutura para o crescimento que veio muito rápido. Tudo tem o lado bom e tem alguma coisa a desejar, tu chega no posto de saúde, tem força de gente para marcar consulta, antigamente a pessoa local se dava bem, todo o lugar que o cara vai tem gente demais e atendimento de menos<sup>42</sup>.

Para mim não mudou nada né, só aumentou o banditismo, porque o bairro tem pessoas mais ricas. Antes era quase todo mundo igual, não tinha muita riqueza. Mas era mais gostoso naquela época do que a época que estamos vivendo agora, era tudo muito simples, não tinha tanto assalto, tanta tristeza, hoje a gente escuta muita coisa, sei lá, não sei se não é porque não se tinha televisão, dai a gente não via as coisas. Claro que muita coisa melhorou, não tem poeira, tem ônibus a qualquer hora<sup>43</sup>.

Apesar de ambos concordarem que as transformações ocorridas no bairro nas últimas décadas possuem aspectos dicotômicos, há a ênfase nos aspectos considerados por eles como negativos – principalmente relacionados à falta de segurança - e a exaltação do tempo passado – que dispunham de uma vida mais simples e tranquila - sendo este lembrado e descrito como um período sem dificuldades. Esse é um discurso que pode ser incorporado inclusive por quem não vivenciou, ou pouco teve contato, com o período exaltado. Nesse sentido, o exercício de rememoração ajuda a desconstruir um passado idealizado e cristalizado, que acaba por não ser problematizado por alguns de seus

interlocutores, que tem sua memória construída no presente em um ambiente de disputas, por isso, passível de questionamento.

Isso, no entanto, não significa dizer que o saudosismo ao modo de vida rural – praticamente perdido devido às transformações do bairro – seja um sentimento partilhado pela maioria dos habitantes. O morador Edinaldo Lisboa Cunha, por exemplo, demonstra um incomodo muito grande quando os tempos de antigamente são reverenciados por algumas pessoas de seu bairro, dada as dificuldades por ele constadas.

[...] antigamente era bom coisa nenhuma, antigamente era uma dificuldade tremenda, você não tinha saúde, você não tinha educação e você não tinha transporte. Se hoje nós temos problemas com a saúde, com a educação e com o transporte, isso ai é concernente ao número crescente da população, mas mesmo com todas as dificuldades nós ainda temos. Naquela época mesmo, não tinha nada, a pessoa morria de dor de barriga, de diarréia, por não ter médico, por não ter hospital e remédio. [...] Então como que a gente vai dizer que antigamente era melhor, bom é hoje, hoje está tudo melhor aqui em Santo Antônio, em todos os sentidos<sup>44</sup>.

Levando em consideração a idade do entrevistado, percebesse que o mesmo elencou algumas dificuldades de um período que ele pouco vivenciou e do qual discorda energicamente ao ver ser exaltado. Segundo Edinaldo, sua narrativa foi construída com base nos relatos orais de familiares, nos “causos” que ele próprio - quando criança - ouviu das pessoas com mais idade no armazém da família, aliado ao que posteriormente ele vislumbrou através da história escrita, seguindo uma linha de raciocínio que ele considera “bem própria” sobre aquele tempo<sup>45</sup>.

No relato de outros dois moradores, as mudanças são descritas como positivas para o bairro, que cresceu muito nas últimas décadas, mas que contribuíram para a melhoria do local, que agora conta com serviços antes inexistentes, como pode ser visto a seguir.

Para mim minha filha está bom, tem pessoas que não gostam, mas para mim está ótimo, porque quando eu me criei Santo Antônio não tinha água, não tinha luz, não tinha telefone, não tinha calçamento, era estrada de chão, ônibus muito pouco, [...]escola também era só primário, agora já tem ali o CESUSC, tem prézinho aqui, tem creche, antigamente não tinha nada disso né, era só o

primário e pronto. Mas tem pessoas que não gostam, são pessoas que são mal amadas, foi uma mudança grande, mas foi para melhor né<sup>46</sup>.

Eu nasci aqui, claro que o bairro mudou muito, ele não é mais aquele, só tinha ônibus uma vez ao dia, era uma zona de pescador e agricultor, plantação de café, pescaria, hoje não tem mais nada disso, hoje só tem pescador por esporte. [...] Santo Antônio mudou bastante de uns anos para cá, mudou para melhor, porque a gente não pode parar, tem que crescer, tem que fazer alguma coisa<sup>47</sup>.

Edenaldo acredita que muitos moradores que dizem sentir saudade de “antigamente”, na verdade se referem à década de 1980, quando já dispunham de alguns benefícios da urbanização sem, contudo, se distanciar do modo de vida ligado à ruralidade, com hábitos mais simples e sem tanta violência. De fato, a década de 1980 é particularmente marcante para o bairro, no que diz respeito às transformações urbanísticas, ligadas à valorização da terra e a turistificação de Santo Antônio, que tem atualmente o turismo como a principal atividade econômica.

Levando em consideração as mudanças que o bairro Santo Antônio de Lisboa vivenciou nas últimas décadas - de um ambiente rural formado majoritariamente por “nativos”, para um local supervalorizado e rodeado por moradores oriundos dos mais diferentes lugares do país e do mundo - é ingenuidade pensar que não haveria um estranhamento entre os protagonistas desse processo. O conflito estabelecido entre “nativos” e novos moradores – por vezes referenciados como invasores, estrangeiros ou apenas “os outros”, por parte dos habitantes da cidade – foram perceptíveis durante a realização das entrevistas, seja na fala ou silenciamento de seus interlocutores, nos mostrando um ambiente repleto de tensões e disputas ainda candentes, por tanto, digno de problematização.

## Referências

ANDRADE, Claudio Agenor de. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 11 de setembro de 2012. Entrevista.

ANDRADE, Fausto Agenor de. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 06 de outubro de 2012. Entrevista.

BRANCO, Marlene Corrêa. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 17 de setembro de 2012. Entrevista.

CUNHA, Edinaldo Lisboa da. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 18 de setembro de 2012. Entrevista.

CUNHA, Suely Lisboa da. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 05 de setembro de 2012. Entrevista.

FANTIN, Márcia. *Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FERREIRA FILHO, Timóteo. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 06 de outubro de 2012. Entrevista.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Populacional do Estado de Santa Catarina. Disponível: [www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br). Acesso em: 20 nov. 2012.

LAGO, Mara. *Modos de Vida e Identidade: sujeitos no processo de urbanização de Florianópolis*. Florianópolis: EdUFSC, 1996.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. “Cidade do Futuro: imaginário urbano e política em Florianópolis (1950-1970)”. In: *ANPUH - XXII Simpósio Nacional de História*. João Pessoa: 2003.

MAURICIO, Antônio Gonçalves. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 11 de setembro de 2012. Entrevista.

NEVES FILHO, João Otávio. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 19 de setembro de 2012. Entrevista.

SARTORATO, Mauro. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 05 de setembro de 2012. Entrevista.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 17 de setembro de 2012. Entrevista.

SOUZA, Adão Pedro de. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 05 de setembro de 2012. Entrevista.

TONERA, Roberto. *O patrimônio ambiental urbano de Santo Antônio de Lisboa*. Florianópolis, SC, 1985. (Trabalho de Graduação), Arq-UFSC, 1985.

## Notas

---

<sup>1</sup> Ao todo foram entrevistados 11 moradores do bairro Santo Antônio de Lisboa – exceto Timóteo Ferreira Filho, natural do distrito. O critério de escolha estava ligado a idade - todos acima de 40 anos - e sua posição e envolvimento dentro da comunidade.

<sup>2</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. (2003); LAGO, Mara Coelho de Souza (1996); FANTIN, Márcia (2000).

<sup>3</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. “Cidade do Futuro: imaginário urbano e política em Florianópolis (1950-1970)”. In: *ANPUH - XXII Simpósio Nacional de História*. João Pessoa: 2003, p. 1.

<sup>4</sup> *Id. Ibid.* p. 4.

<sup>5</sup> É preciso referenciar que a migração das pessoas advindas do estado do Rio de Janeiro está ligada principalmente a transferência da sede da Eletrosul para a capital catarinense nos anos 1970, tendo esses novos moradores se fixado principalmente no bairro Pantanal e arredores.

<sup>6</sup> TONERA, Roberto. *O patrimônio ambiental urbano de Santo Antônio de Lisboa*. Florianópolis, SC, 1985. (Trabalho de Graduação), Arq-UFSC, 1985, p. 51.

<sup>7</sup> Não há um consenso entre os pesquisadores das ciências humanas quanto à utilização do termo nativo para designar as populações autóctones. No entanto, dada à significação que este adquiriu no decorrer das entrevistas em Santo Antônio – transcendendo a literalidade e revelando-se no discurso dos moradores como um signo legitimador de sua identidade – optou-se por mantê-lo, todavia, entre aspas.

<sup>8</sup> Claudio Agenor de Andrade (44 anos) - nascido e criado no bairro Santo Antônio de Lisboa - é o atual presidente da Associação de Moradores de Santo Antônio de Lisboa (AMSAL), instituída em 1987 e morador da propriedade familiar chamada de “Casarão e engenho dos Andrade”, ambos tombados em nível municipal e estadual.

<sup>9</sup> ANDRADE, Claudio Agenor de. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 11 de setembro de 2012. Entrevista.

<sup>10</sup> Florianópolis é dividida administrativamente em doze distritos, sendo que o distrito de Santo Antônio de Lisboa é formado por quatro bairros: Cacupé, Sambaqui, Barra do Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa (sede do distrito e objeto desse artigo). Os dados do IBGE por bairros começam a ser levantados em Florianópolis a partir do ano de 2010, sendo que os órgãos municipais também não possuem levantamento estatístico de todos os bairros da cidade. Nesse sentido, os dados apresentados contribuem para a análise do distrito no qual o bairro está inserido.

<sup>11</sup> LAGO, Mara. *Modos de Vida e Identidade: sujeitos no processo de urbanização de Florianópolis*. Florianópolis: EdUFSC, 1996, p. 195.

<sup>12</sup> Mauro Sartorato (59 anos) é “nativo” do bairro Santo Antônio de Lisboa e proprietário de uma casa e um estabelecimento comercial, localizado em área de preservação cultural.

<sup>13</sup> SARTORATO, Mauro. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 05 de setembro de 2012. Entrevista.

<sup>14</sup> Timóteo Ferreira Filho (69 anos) é “nativo” do bairro Sambaqui, Distrito de Santo Antônio de Lisboa. A proposta inicial era entrevistar apenas moradores do bairro Santo Antônio – sede do Distrito - “nativos” e “não-nativos”, sendo que a permanência do depoimento de “Seu Timóteo” neste estudo foi considerada importante, dada a sua relação próxima com o mesmo, está foi a única entrevista realizada com um não morador do bairro..

<sup>15</sup> FERREIRA FILHO, Timóteo. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 06 de outubro de 2012. Entrevista.

<sup>16</sup> MAURICIO, Antônio Gonçalves. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 11 de set. de 2012. Entrevista.

<sup>17</sup> SARTORATO (2012), *Op. cit.*,

<sup>18</sup> Id. Ibid. p. 9

<sup>19</sup> SARTORATO (2012), *Op. cit.*,

<sup>20</sup> Santo Antônio – até a década de 1970 - não possuía escola que oferecesse estudo além do Ensino Fundamental, sendo que não eram todas as crianças que tinham oportunidade de se deslocar para o centro da cidade para estudar na antiga escola industrial, hoje Instituto Federal de Educação de Santa Catarina (IFSC).

<sup>21</sup> ANDRADE (2012), *Op. cit.*,

<sup>22</sup> Daniela Ribeiro Schneider (46 anos) é natural do Rio Grande do Sul e mora em Santo Antônio a 15 anos e em Florianópolis a mais de 30, onde fixou residência para estudar e hoje é professora no curso de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. É uma das líderes da Associação Cultural Baiacú de Alguém, fixada no bairro Santo Antônio de Lisboa.

<sup>23</sup> SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 17 de set. de 2012. Entrevista.

<sup>24</sup> João Otávio Neves Filho (66 anos) é natural de Florianópolis, porém, por ser nascido e criado no centro da cidade é por vezes considerado um “invasor” para alguns “nativos” do bairro, pois teve sua criação totalmente ligada ao meio urbano.

<sup>25</sup> NEVES FILHO, João Otávio. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 19 de set de 2012. Entrevista.

<sup>26</sup> NEVES FILHO (2012), *passim*.

<sup>27</sup> *Op.cit.*

<sup>28</sup> *Op.cit.*

<sup>29</sup> LOHN (2003), *passim*.

<sup>30</sup> NEVES FILHO (2012), *op.cit.*

<sup>31</sup> NEVES FILHO (2012), *op.cit.*

<sup>32</sup> Fausto Agenor de Andrade (62 anos) é “nativo” do bairro Santo Antônio de Lisboa, local onde ainda reside e possui um restaurante.

<sup>33</sup> ANDRADE, Fausto Agenor de. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 06 de outubro de 2012. Entrevista.

<sup>34</sup> ANDRADE (2012), *op.cit.*

<sup>35</sup> FERREIRA FILHO (2012), *op.cit.*

<sup>36</sup> *Ibid*, p. 47.

<sup>37</sup> O deslocamento para cidades portuárias como Rio Grande e Santos é citado pelos entrevistados Antônio Gonçalves Mauricio, Adão Pedro de Souza, Timóteo Ferreira Filho, Edinaldo Lisboa da Cunha. Essa era uma prática que também acontecia em outros bairros, como Canasvieiras. Cf.: BITENCOURT, Suzana. *Castelos de Areia: o turismo de litoral em Florianópolis (1930-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2005.

<sup>38</sup> Edinaldo Lisboa da Cunha (51 anos) é nascido e criado em Santo Antônio de Lisboa, líder comunitário, presidente do clube Avante e proprietário do bar GamBARzeira, ponto de encontro de moradores do bairro.

<sup>39</sup> CUNHA, Edinaldo Lisboa da. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 18 de set de 2012. Entrevista.

<sup>40</sup> Antônio Gonçalves Mauricio (89 anos) nasceu em Santo José da Ponta Grossa e mora no bairro a 77anos. Atualmente Seu Antônio tem 18 netos, 10 bisnetos e é casado a 68 anos com Dona Judite, formando o casal mais antigo do bairro Santo Antônio de Lisboa.

<sup>41</sup> MAURICIO, Antônio Gonçalves. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 11 de set. de 2012. Entrevista.

<sup>42</sup> FERREIRA FILHO (2012), *op.cit.*

<sup>43</sup> BRANCO, Marlene Corrêa. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 17 de setembro de 2012. Entrevista.

<sup>44</sup> CUNHA (2012), *op.cit.*

<sup>45</sup> CUNHA (2012), *passim*.

<sup>46</sup> CUNHA, Suely Lisboa da. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 05 de setembro de 2012. Entrevista.

<sup>47</sup> SOUZA, Adão Pedro de. *Entrevista concedida a Jaqueline Henrique Cardoso*. Florianópolis, 05 de setembro de 2012. Entrevista.